



PRESS MONITORING

38 MUNDO REAL



Gonçalo Filipe e Pedro Ferreira desistiram da escola. Um projecto da Associação dos Empregados pela Inclusão Social (EPIS) conseguiu convencê-los a voltar a estudar



FOTOS DE JOSÉ SÁGIO

A última oportunidade na escola

Jovens 'fugiam' às aulas e viviam sem rumo. Projecto anti-abandono recuperou-os

Margarida Davim
margarida.davim@sol.pt

DURANTE um ano e meio Gonçalo Filipe não pôs os pés na escola. Com 16 anos e o 7.º ano de escolaridade, decidiu que estava farto das aulas: «Ficava em casa, no computador ou a ver televisão. Dormia até tarde. Não fazia nada de interessante».

A história repete-se com Pedro Ferreira, que aos 17 anos já tinha chumbado duas vezes no 7.º ano. E com Pedro Carvalho que, aos 14, não passou ainda do 6.º ano, porque «estava farto da escola».

Mas as suas vidas mudaram quando, em 2010, duas técnicas da Câmara de Sesimbra lhes bateram à porta. «Apresentámos o projecto e fomos bem recebidos», garante Paula Rodrigues, que passou meses a tentar seguir o rasto a 81 alunos que a associação EPIS (Empresários Pela Inclusão Social) sinalizou na região de Sesimbra como estando fora do sistema de ensino, apesar de terem entre 14 e 18 anos.

De todos os que já não estavam matriculados em escolas da zona, cerca de metade tinha emigrado. Mas havia ainda 44 que

passavam os dias sem aulas nem rumo – 24 deles estão de volta à escola.

Comportamentos de risco

«Dos alunos que foram integrados no projecto 'Abandono Zero', onze evidenciavam comportamentos delinquentes e quatro suspeitas deste tipo de comportamento», explica Ana Lino, direc-

O PROJECTO

24 alunos de volta à escola
Dos 44 casos de abandono, cerca de metade está integrado em escolas: 17 deles em turmas PIEF

5 jovens recusaram ajuda
Foram cinco os adolescentes que não quiseram ter qualquer tipo de acompanhamento por parte da EPIS

9 famílias com apoio
Estes casos estão já a ser seguidos pela EPIS e pela Câmara de Sesimbra, mas os alunos ainda não voltaram ao sistema de ensino

tora de projectos da EPIS.

«Muitos tinham registos criminais», conta Diogo Simões Pereira, vice-presidente da EPIS, sublinhando que os casos encontrados «já estavam em fim de linha, tinham passado por todas as respostas do sistema educativo e nada resultou».

A última oportunidade está agora no PIEF (Programa Integrado de Educação e Formação), financiado pela Câmara de Sesimbra, que criou na Escola Secundária de Sampaio duas turmas – uma para dar equivalência ao 6.º ano e outra ao 9.º – com os adolescentes que a EPIS conseguiu convencer a voltar às aulas.

Pedro Ferreira, o mais velho da turma, sabe bem a responsabilidade que tem em cima dos ombros. «Custa, mas tem de ser», diz, enquanto faz planos para o futuro. «Quero ser bombeiro, como o meu irmão mais velho. E depois tentar fazer o 12.º ano à noite, enquanto estiver a trabalhar».

Gonçalo Filipe também já percebeu o valor da escola. Descobriu-o enquanto trabalhava num restaurante de praia e viu à sua volta as histórias de vida de quem deixou para trás as salas de

aula demasiado cedo. «Não tenho saudades da boa vida. Boa vida é isto: estar na escola, aprender». O plano passa por acabar o 12.º ano e ir para a Marinha.

Já Pedro Carvalho sonha com um curso de cozinha. «Desta vez, é para ficar na escola e acabar o 9.º ano», promete.

Aprender o básico

Mas Diogo Simões Pereira não lhes antevê um futuro fácil, caso queiram prosseguir os estudos: «O que se aprende no PIEF é o básico dos básicos». Na verdade, a avaliação é feita através de competências básicas, entre as quais estão itens como a pontualidade, a assiduidade e o comportamento.

Pedro Carvalho sabe bem disso. «É tudo muito mais fácil. Não tem nada a ver», conta, explicando que «não há testes, só trabalhos de grupo e fichas». Gonçalo confessa até que há colegas na Escola de Sampaio que têm inveja. «Dizem que é uma sorte estar no PIEF, porque é tudo mais fácil».

Outra diferença é terem em cada aula dois ou três professores na sala e haver um acompanhamento permanente por parte das

duas técnicas da autarquia que seguem o projecto. «Tentamos saber como estão, se faltam e que problemas têm», resume Paula Rodrigues.

Aliás, o projecto da EPIS contempla uma componente de apoio social e a Câmara de Sesimbra faz, de forma gratuita, o transporte destes alunos. «Queremos garantir que vão à escola. E como eles ainda não têm autonomia suficiente, não basta pagar-lhes o passe», explica a vereadora da Educação, Felícia Costa, que afirma não ter recebido «qualquer apoio do Ministério da Educação».

Duas das famílias destes alunos foram também encaminhadas para apoios sociais específicos através da Segurança Social, do Banco Alimentar e do Centro de Saúde – já que havia um caso de gravidez adolescente.

«Os pais agradecem-nos pela ajuda. São pais que desistiram. Não existem na vida dos filhos, mas não se opõem a que os eduquemos», conta Diogo Simões Pereira.

O caso de Pedro Carvalho é um exemplo: «Estive cinco meses fora da escola, mas a minha mãe não sabia. Soube no fi-

nal do ano, porque a directora a chamou».

Um tema tabu

Apesar de o projecto da EPIS ter arrancado em Sesimbra, este concelho está longe de ser uma situação isolada. «Começamos aqui, porque fomos bem recebidos pela autarquia, que nos deu todo o apoio», esclarece Diogo Simões Pereira.

O vice-presidente da EPIS acha mesmo que «o abandono escolar é um tema tabu» em Portugal. «Fala-se em insucesso, mas nunca se dão números sobre o abandono», critica, explicando que «mesmo quando a Comissão de Protecção de Menores sinaliza um caso, o diagnóstico fica feito, mas não se avança nada para resolver o problema».

Contactado pelo SOL, o Ministério da Educação e Ciência não deu quaisquer dados sobre abandono escolar e turmas PIEF.

